

ORGANIZADORAS

Junia Furtado e Andréa Slemian

Uma cartografia dos Brasis

poderes, disputas e sociabilidades
na Independência



Sumário

Palavras introdutórias7

Junia Furtado e Andréa Slemian

Parte I - Narrativas e representações

Passados presentes: alguns sentidos das imagens nas Independências do Brasil 15

Iara Lis Schiavinatto

Da conquista à dicotomia colônia-metrópole: uma cartografia dos vocábulos políticos no contexto da Independência 41

Junia Ferreira Furtado

A monarquia luso-brasileira na visão de um vendeiro, 1808-1828 ...69

Hendrik Kraay

Parte II - Discursos e territórios em disputa

A Independência e o espectro da Revolução de 1817 nos jornais da Corte e das Províncias (1821-1823)..... 95

Luiz Carlos Villalta

Muitos Brasis, um público leitor: os impressos na Independência ...133

Marcelo Cheche Galves

A independência nos mapas: esboços territoriais e novas perspectivas de representação 149

Enali De Biaggi

Territórios de poder, criminalidade e regionalismo: A criação da comarca de Campos dos Goytacazes (1732-1835) 179

Claudia C. Azeredo Atallah

Parte III - Vida política e seus/suas agentes

Vassalos ou cidadãos: mudanças e permanências para os povos indígenas entre o Antigo Regime e a independência do Brasil.....209

André Roberto de A. Machado

Mulheres em cena no espaço público da Independência 227

Andréa Slemian e Danielly de Jesus Teles

Afrodscendentes livres e libertos na era da independência: das demandas de equiparação às lutas pela igualdade (1770-1840).....247

Luiz Geraldo Silva

Parte IV - Cultura material, cotidiano e consumo

Salubridade urbana e a civilização dos corpos no Brasil pós-independência 275

Jean Luiz Neves Abreu

Hábitos alimentares e sociabilidades à mesa na capital do império 307

Leila Mezan Algranti

Vestir-se no contexto da independência: aspectos políticos da indumentária 339

Camila Borges da Silva

Palavras introdutórias

O naturalista francês August de Saint-Hilaire viajou pelo Brasil entre 1816 e 1822 e, como testemunha ocular do processo de Independência, escreveu um “Resumo Histórico das Revoluções do Brasil desde a chegada do Rei D. João VI à América até a abdicação do imperador D. Pedro”. Depois de conhecer diversas províncias, concluiu que “havia um país chamado Brasil; mas absolutamente não havia brasileiros” e que o grande desafio após o movimento separatista seria “reunir as partes divididas, dando-lhes um centro comum de ação e vida”. A tensão enunciada pelo francês em termos da existência de um país, mas não daqueles que se identificavam como pertencentes a ele, não poderia expressar melhor o drama da história que pode ser contada a partir daí. Concebido a partir dos territórios de colonização portuguesa, o projeto de um futuro Brasil teria que lidar com as heranças profundas que permaneciam nas sociedades das capitânicas que então se juntavam, bem como com as disputas que se desenharam de forma violenta na busca de construir uma nova nação. Muitos eram os *Brasis* e muitas e diferentes as pessoas que o habitavam, impossibilitando que se falasse em unidade.

200 anos depois, a evocação dessa questão que marca sua origem é deveras oportuna para a “comemoração” da Independência. Muito mais do que celebrar, comemorar tem o objetivo de servir como um espaço profícuo de reflexão. As efemérides estão longe de funcionar apenas para vangloriar o passado, já que, ao mesmo tempo, permitem uma avaliação crítica da história, bem como da realidade presente de um país. Isso significa levantar novos temas e revisitar outros já clássicos, fomentando e instigando novos debates. Foi o que se viu, por exemplo, durante a efeméride da proclamação da abolição, em 1988. A profícuo massa crítica que se produziu em torno do evento serviu tanto para projetar a historiografia brasileira sobre a escravidão

no cenário mundial, quanto para inaugurar uma nova agenda de ações afirmativas futuras que buscassem combater o racismo e a desigualdade imposta à população de cor no país.

Não é de se estranhar que, haja vista a situação política em que o país se encontra, exista um quase completo descaso governamental em fomentar iniciativas que “celebrem” a efeméride da Independência de 1822. A triste exceção é o anúncio de que os poucos recursos destinados à efeméride via Lei de Incentivo à Cultura, em 2022, contemplarão projetos que visem propagandear o uso de armas. Essa estratégia é uma resposta silenciadora das demandas vindas dos historiadores, mas também de vários movimentos artísticos, sociais e culturais, que se recusam a continuar alimentando interpretações que reificam uma dada história brasileira, apresentando-a como gloriosa, pacífica, cheia de heróis, reis e rainhas, como se vê nas esparsas, mas contundentes palavras “oficiais” sobre a mesma. Um discurso que pode servir aos que praticam formas doutrinárias e pouco democráticas de governo, mas que é incapaz de angariar unanimidade na sociedade brasileira em função da complexidade da formação do país em todos seus matizes. Falar em Brasil ontem e hoje está longe de se falar apenas de heróis, brancos, proprietários e cristãos.

Nesse sentido, e em uníssono com o apelo do naturalista francês de que se deveria “lançar os olhos ao mapa do Brasil” para o entendê-lo, este livro se propõe a apresentar uma **Cartografia dos Brasis**, tomando em conta os **jogos de poder, as disputas, os grupos sociais e as sociabilidades** que caracterizaram o tortuoso processo de formação de um Estado-nação após a Independência. O conjunto de textos aqui apresentados aborda diferentes questões para além da conjuntura política da Independência, buscando revisitar o movimento e lançar novos olhares sobre o mesmo. O que aponta para a construção de novos espaços de memória crítica, nos quais negros, mulatos, índios, mulheres, crianças, trabalhadores, pequenos negociantes, desclassificados sociais, criminosos, entre outros, encontram espaços para que se possa ouvir suas vozes, geralmente negligenciadas. Para tanto, adentra-se o cotidiano das vendas, das cozinhas, das mesas, dos consultórios médicos, dos quartos de vestir, nas aldeias indígenas, onde o processo de mudança política também engendrou novas formas de sociabilidade e de comportamento.

O livro se estrutura em quatro eixos, ou partes, que se intitulam, respectivamente, “Narrativas e representações”; “Discursos e territórios em disputa”; “Vida política e seus/suas agentes”; “Cultura material, cotidiano e consumo”. Por eles, propõe-se uma nova agenda de temas que buscam, como um dos diferenciais deste livro, estimular novas pesquisas e novos olhares que revelem renovadas articulações entre o político, o social e o econômico, articulando outros atores e ambientes, a partir da colocação de problemas renovados. O ponto de encontro, ou de partida é o cotidiano, onde se desenvolve, para além das tribunas e dos palácios, o palco da ação.

“Narrativas e representações” busca descortinar a nova cultura política que permeou o contexto da Independência a partir da análise da linguagem em duas de suas formas, a visual e a textual. Em “Cultura visual na fundação do Brasil”, Iara Lis chama a atenção para as imagens construídas, ao longo do tempo, para celebrar a ruptura política do Brasil em relação a Portugal. Elas são, duplamente, ponto de partida para a autora analisar as estratégias de rememoração como de análise do movimento em si mesmo. Numa instigante cartografia das palavras, Junia Furtado aponta para as transformações operadas nos vocábulos conquista, colônia e metrópole, até que os dois últimos se tornaram o eixo da cultura política que incitou e legitimou a trama da independência. Por fim, Hendrick Kray, construindo uma história vista de baixo, descortina os acontecimentos coevos a partir da ótica de um simples vendeiro, que, em seu diário, registrou o que assistia a partir da ótica das classes populares.

“Discursos e territórios em disputa” reúne textos que tratam de conflitos de várias ordens que estiveram por trás da história da construção do Brasil. Nele, em dois textos, Luiz Carlos Villalta e Marcelo Cheche Galves analisam primorosamente as guerras de narrativas que então estiveram presentes na imprensa e nos debates parlamentares, o primeiro colocando em relevo a disputa entre projetos, e o segundo a construção de um espaço público de debates. Enali de Biaggi trata das várias representações cartográficas sobre o território do Brasil produzidas no período, tendo em vista um acurado olhar acerca de suas funções e de seus significados para o mapeamento das potencialidades e dos conflitos que envolviam a nova nação. Cláudia Atallah descortina, tomando a Comarca de Campos de Goitacazes como ponto